

Uma questão de jeito

A Europa contribui mais para a protecção dos direitos humanos na China que os Estados Unidos, porque utiliza uma metodologia diferente em relação ao assunto. Quem o diz é Zeng Lingliang, professor de Direito na Universidade de Wuhan.

● Isabel Castro · isabelcastro.pontofinal@gmail.com

O ex-director da Faculdade de Direito da Universidade de Macau voltou ontem ao território para um seminário no âmbito da cátedra Jean Monnet. Zeng Lingliang, que lecciona agora na Universidade de Wuhan, considera que é pela via do diálogo que se consegue ir mais longe em termos de direitos humanos no Continente. A Europa tem ajudado e os progressos, afixa, são visíveis.

- Os direitos humanos são um assunto recorrente na relação entre Estados Unidos e a China. Como é que analisa a forma como Washington lida com a matéria?

Zeng Lingliang – Os Estados Unidos têm uma forma muito directa de exercer pressão. É muito simples.

- Mas o modo como o fazem não é paradoxal, quando pensamos na relação que as duas potências mantêm noutras áreas?

Z.L. – Sim, é um paradoxo que existe há muitos anos. O mesmo acontece com as relações entre a China e a União Europeia (UE), mas de um modo diferente. A Europa tem uma outra forma de lidar com este tipo de assuntos. Julgo que a UE aposta mais no diálogo, num modo mais construtivo e positivo para melhorar a questão. O mecanismo de diálogo é mais regular, mais sistemático, não é como os Estados Unidos. Claro que os norte-americanos também recorrem ao diálogo, mas não com tanta frequência. Neste aspecto, aprecio mais a metodologia europeia que a dos Estados Unidos.

- A metodologia europeia poderá ser a melhor para que a China melhore em termos de direitos humanos?

Z.L. – Penso que sim. Já tem estado a ajudar. Os anos de diálogo têm vindo a fazer com que se avance, ainda que lentamente.

- Em que áreas concretas? A sua – o direito – tem sido uma delas, mas ainda há muito a fazer neste campo.



“A China e a Europa têm valores diferentes na abordagem aos direitos humanos. E claro que isso dá origem a mal entendidos. Nenhuma das partes está errada – estão ambas certas.”

Z.L. – Tem havido avanços na legislação, na protecção dos direitos humanos, no sistema judicial, nos tribunais. Há também agora muito mais transparência no que toca aos direitos humanos na China. O Governo é muito mais aberto.

- Mas há um longo caminho a percorrer. No sistema judicial, por exemplo, há muitas mudanças legislativas que não estão a ser acompanhadas na prática.

Z.L. – No campo legislativo estamos bastante avançados, mas a parte da aplicação fica aquém do que se deseja.

- A que é que isto se deve? Ao Governo Central ou na estrutura governativa local?

Z.L. – Julgo que o problema está sobretudo ao nível dos governos locais, que têm problemas práticos.

- Mas, mesmo ao nível das autoridades centrais, houve notícia da detenção, no início deste ano, de vários advogados que trabalham na área dos direitos humanos. Segundo as organizações que denunciaram estes casos, as pessoas foram detidas, levadas para paradeiro desconhecido, sem se saber pelo que respondiam.

Z.L. – Sim, mas não é uma questão consensual. Algumas pessoas acham que [as autoridades] terão violado os direitos dos advogados, mas outras dizem que foram os advogados que violaram as leis da China.

- O que é que se pode esperar da próxima geração de líderes em relação aos direitos humanos?

Z.L. – Tenho muita confiança de que o desenvolvimento será mais célere. Isso acontecerá, de certeza.

- Se pudesse alterar o panorama dos direitos humanos na China, qual seria a sua pri-

meira medida? Uma justiça mais justa? Maior liberdade de expressão?

Z.L. – Sim, mais liberdade de expressão.

- Sente que Ocidente tem dificuldades em perceber o modo como a China lida com os direitos humanos?

Z.L. – Acho que sim. A China e a Europa têm valores diferentes na abordagem aos direitos humanos. E claro que isso dá origem a mal entendidos. Nenhuma das partes está errada – estão ambas certas.

- Veio a Macau falar do desenvolvimento da protecção dos direitos humanos no Continente. Que evolução é esta?

Z.L. – O maior desenvolvimento registou-se ao nível legislativo. Depois, verificou-se também na esfera executiva.



Um passo à frente no investimento. O fundo soberano chinês quer investir em infra-estruturas na Europa e nos Estados Unidos, disse o presidente da China Investment Corporation (CIC), Lou Jiwei. A CIC gere uma carteira de 400 mil milhões de dólares. “As infra-estruturas na Europa e nos Estados Unidos necessitam muito de mais investimento”, escreveu Lou Jiwei no Financial Times. “Tradicionalmente, o envolvimento de empresas chinesas em projectos de infra-estruturas no estrangeiro era apenas como empreiteiros. Agora, os investidores chineses sentem também a necessidade de investir, desenvolver e gerir projectos”, salientou. Segundo Lou, “a CIC acredita que um tal investimento, orientado por princípios comerciais, proporciona a oportunidade de uma solução mutuamente vantajosa”.